

LEONARDO MOTA NETO

ANC p2

5 MAI 1988

O País é um só nó

O Governo deflagrou uma operação política para consolidar a tendência dos cinco anos de mandato, que já parecia ter dado lugar a uma reversão de expectativas que gerou na imprensa a autoconfiança dos defensores de quatro anos de mandato e de eleições imediatas para Presidente da República. Mais uma vez o Governo acordou quando as trombetas já entravam nos muros de Jericó. O Planalto assistiu a reuniões de estratégia para o imediato trabalho de proselitismo junto aos constituintes, ao qual deverão ser agregados todos os ministros.

Mas o esforço de pressão sobre a Constituinte não é iniciado em hora aprazível. O Governo passou dois dias tensos com os possíveis efeitos da greve das estatais, que ontem o levou a recrutar contingentes militares para assegurar o fornecimento de energia elétrica gerada por Furnas, no Rio e no Sudeste do País.

O Governo luta em várias frentes e o instrumental de campanha está fatigado. Ministros vivem a tensão de um futuro desconhecido, pois diariamente são pressionados para decisões que não têm assento nos escalões administrativos dos ministérios, praticamente paralisados desde que se adotou a decisão de congelar a URP. Há desencanto e pessimismo quanto ao que virá, e fala-se abertamente em demissões de uma só vez de cem mil servidores das estatais e órgãos julgados desnecessários.

Apoiado numa massa crítica como esta, pouco poderá fazer o Presidente da República para cobrir o tráfego de proselitismo

de seus ministros. Alguns deles, como o dos Transportes, José Reinaldo Tavares, recebe diariamente uma média de doze parlamentares que lhe vão apresentar pleitos regionais para as mais diversas áreas de atuação. Muitas dessas reivindicações sequer são da competência do Ministério, mas os parlamentares só vêem Governo pela frente, não distinguindo setores. O ministro José Reinaldo — ou qualquer outro — tem de ser muito hábil para não deixar despencar o estado de espírito dos políticos em favor das teses do Governo, notadamente numa hora em que pouco, muito pouco, o Ministério está podendo liberar em recursos.

Esses conflitos vão aumentando de grandeza à medida em que se interpoem as dificuldades nas variadas áreas de combate: a frente interna, tão delicada quanto a externa; o social, tão dificultoso quanto o econômico e o político. Não há estação de repouso para os combatentes do Governo.

Apesar dessa estação do inferno de Beaulaire, ontem, dois ministros, Prisco Viana e José Reinaldo, assinavam um convênio para administração dos impactos dos projetos ferroviários no âmbito urbano, foi um sinal de vida do Governo, que se mostra muito parado. Os cinco anos só virão se o Governo trabalhar, e não apenas articular e considerar politicamente. Trabalhar exige providências imediatas para as quais será indispensável ter apoio do Congresso, que, por sua vez, anda tão atarefado com a Constituinte que deixou de apreciar e votar sessenta decretos-leis do Executivo. Está tudo atado.

CORREIO BRAZILIENSE